

A capacidade mentalizadora do pai, relações amorosas adultas e o processo psicanalítico¹²

Heribert Blass³, Dusseldorf

RESUMO: Apesar das mudanças na cultura social, a necessidade de uma relação amorosa emocionalmente densa e duradoura na vida adulta ainda é uma das preocupações básicas de muitas pessoas. Presumimos, com razão, que um fundamento essencial para esse desenvolvimento posterior é estabelecido no relacionamento inicial mãe-filho. No presente trabalho, esse fundamento não é contestado, mas é desenvolvida a tese de que as experiências e representações mentais tanto do pai inicial quanto do edípico também desempenham um papel muito importante para a criança e o adulto posterior, ao serem capazes de integrar a coexistência de familiaridade e estranheza em um relacionamento pessoalmente próximo. A representação mental do pai como um “estranho familiar” pode ser fortalecida e consolidada na relação edípiano-adolescente se os intensos afetos sexuais e agressivos da criança puderem ser “lidos” pelo objeto paterno de forma mentalizante. A esse respeito, parece fazer sentido usar aspectos do conceito de mentalização, desenvolvido para fases anteriores da vida, também para esse desenvolvimento posterior. A possibilidade de mudança no processo psicanalítico é ilustrada por uma vinheta.

PALAVRAS-CHAVE: relações amorosas, representação paterna,

1. Este artigo é uma versão revisada da minha publicação (2009): Die Bedeutung des früh entwickelten oder nachträglich erworbenen Bildes vom Vater für erwachsene Liebesbeziehungen, in: Haubl, R.; Dammasch, F.; Krebs, H. (Hg.). (2009). *Riskante Kindheit. Psychoanalyse und Bildungsprozesse*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 67-83.

2. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

3. Membro, analista didata e supervisor de adultos, crianças e adolescentes da Associação Psicanalítica Alemã (DPV), psicanalista de crianças da DPV e da *International Psychoanalytical Association (IPA)*, Presidente eleito da IPA.

pai como estranho familiar, ‘leitura’ dos afetos na relação edipiana, capacidade de mentalização.

Introdução

Mesmo em tempos de aceleração social e prevalência do presentismo (Hartog, 2020), que cada vez mais questionam a continuidade da experiência, o desejo de um relacionamento amoroso profundo com outra pessoa permanece entre as preocupações emocionalmente mais significativas de muitos, senão da maioria das pessoas. No entanto, em tempos pós-modernos, existem diferentes ideias sobre se uma parceria emocional profunda é possível apenas por um tempo limitado – isso poderia ser uma expressão de presentismo – ou se pode durar toda a vida. Como exemplo, Mitchell (2003) perguntou: O amor pode durar? Ele lidou com o destino do amor ao longo do tempo. Segundo a minha experiência clínica, apesar de todos os medos e dúvidas, é um desejo profundo de muitas pessoas.

Como analistas, estamos preocupados principalmente com as crises individuais e interpessoais que podem decorrer do fracasso parcial ou total das esperanças iniciais. Lidamos com o destino do amor e do ódio de várias formas, e mesmo sabendo que ambos os afetos são organizadores cruciais da vida mental humana, a maioria de nós prefere Eros a Tânatos. Essa preferência me leva a questionar quais condições poderiam favorecer a permanência dos relacionamentos amorosos adultos e, portanto, de uma parte importante da experiência mental do ser humano. A experiência clínica dá uma resposta parcial: mostra que a constância de uma relação amorosa adulta depende da capacidade de compreender afetivamente a si mesmo e ao outro. É necessário manter um equilíbrio entre relacionar-se consigo mesmo e relacionar-se com o outro, porque se esse equilíbrio estiver permanentemente fora de sintonia, a reciprocidade adulta geralmente não é mais possível.

Os psicanalistas estão acostumados a considerar a capacidade de compreensão afetiva como resultado de uma díade mãe-filho que funciona

bem, ou de uma tríade inicial de pais-filhos. Sem dúvida, os processos de troca emocional com a mãe e o chamado pai “primitivo” estabelecem as bases para isso. No entanto, notei que os pacientes com perturbações em sua capacidade de amar e se relacionar afetivamente com os outros, muitas vezes também se queixam de falta de compreensão nos contatos posteriores ao desenvolvimento com o pai, além de conflitos com a mãe. Consequentemente, descobri que também uma mudança na representação do pai, no decorrer de uma análise, pode levar a uma expansão do crescimento mental e da compreensão psíquica de si mesmo e dos outros. Em meu artigo, vou me concentrar em um aspecto parcial da complexa questão do amor (para sempre?) duradouro, e esse aspecto parcial se refere à contribuição da representação mental do pai no curso do desenvolvimento psíquico. Em outras palavras: Eu gostaria de lidar com o intercâmbio entre uma imagem paterna inicial e a imagem posterior do pai edipiano. De acordo com a minha tese, a interação das imagens edipianas paternas iniciais e posteriores contribui de forma duradoura para a configuração dos relacionamentos amorosos adultos.

Para o nosso trabalho psicanalítico gostaria de acrescentar a questão da transformabilidade das estruturas mentais também em relação à imagem do pai. Freud (1937) já abordou a questão de saber se podemos alcançar uma reconstrução do passado pessoal em nossas psicanálises ou se não temos frequentemente que colocar construções no lugar de memórias perdidas. A psicanálise moderna desenvolveu-se cada vez mais na visão de uma cocriação do analisando e do analista, que pode compreender e, se necessário, reorganizar a experiência psíquica de uma pessoa ao longo de uma linha biográfica. O “terceiro analítico” (Ogden, 2004) abre a oportunidade para novas experiências interpessoais e para uma transformação de representações mentais anteriores. A esse respeito, vejo o processo psicanalítico de uma perspectiva dupla: estou interessado nas representações da mente e nas representações subjacentes das relações sujeito-objeto, tanto no contexto da “reconstrução” biográfica quanto da “construção” analítica - sabendo que, de acordo com o funcionamento dos sistemas de memória

humana, “re-construção” é mais ou menos também uma “construção” e dependente de sentimentos (cp. Fonagy, Target, Allizon 2003; Solms 2021). No entanto, penso que as memórias biograficamente enraizadas e as novas experiências na relação analítica – através da elaboração de padrões relacionais estruturados biograficamente – não são a mesma coisa.

A importância do pai edipiano

Por que especialmente o pai edipiano parece tão importante para a capacidade de manter relações amorosas adultas? A minha resposta é: o pai edipiano ganha uma importância central na integração psicológica das formas mais desenvolvidas de desejo sexual e agressivo porque, devido a um aumento da confrontação emocional, transmite cada vez mais formas de lidar com a estranheza e a diferença, mantendo simultaneamente a proximidade. Assim, ele ganha uma posição “excêntrica”, cuja internalização gradual pode ajudar o adulto posterior a desenvolver uma compreensão mais profunda do sentimento psíquico do parceiro a quem ele/ela dirige simultaneamente seu desejo sexual e/ou agressivo.

Para desenvolver esta tese, gostaria de mencionar brevemente algumas visões sobre o papel do pai na literatura psicanalítica.

Algumas visões sobre o papel do pai na literatura psicanalítica

Em primeiro lugar, gostaria de recordar o significado autoritário que Freud (por exemplo, 1909a, 1909b, 1923) atribuiu ao pai edipiano, enfatizando as qualidades ameaçadoras e proibitivas que finalmente levam a uma identificação um tanto paradoxal com o pai, pelo menos para um garoto. O paradoxo é mediado pelo ideal do ego, como herdeiro do complexo de Édipo, quando por um lado diz ao ego: “Você deveria ser assim (como seu pai)”, mas por outro lado: “Você pode não ser assim (como seu pai) - isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; algumas coisas são prerrogativas dele” (1923, p. 34). No entanto, Freud não esqueceu o terno

significado do pai da própria pré-história pessoal (cf. Freud 1900, ou 1923, p.31). Outra posição é defendida por autores que seguem Melanie Klein: eles colocam o inconsciente da mãe em primeiro plano, segundo o qual a criança recebe sua imagem paterna principalmente da mãe (por exemplo, Segal, 1989; Meltzer, 1988; Britton, 1989). Essa concepção coincide com as ideias de Lacan e seus sucessores (Borens, 1993): pois até para a célebre frase de que o Não do pai introduz o nome do pai na estrutura psíquica da criança (“Nom du Père/Non du Père”), o verdadeiro pai é considerado relativamente sem sentido.

Em contraste, no conceito de triangulação precoce de acordo com E.L. Abelin (1971, 1975), o verdadeiro pai recebe um alto significado como objeto de contraste com a mãe. Dando continuidade a este conceito, vários autores (Bürgin, 1998; Dammasch e Metzger, 1999; Metzger, 2000, 2005; von Klitzing, 1998, 2002) têm elaborado a importância das estruturas triádicas, em que o pai está indispensavelmente envolvido desde o início da vida.

As obras de Gaddini (1975, 1977) e Ogden (1989) ficam “no meio”, por assim dizer. Gaddini fala de um “processo de diferenciação paterna”, que resulta para a criança até os 3 anos da relação com a mãe. Para ele, o pai é o primeiro objeto no desenvolvimento da criança, pois ao contrário da mãe, o pai se apresenta desde o início como “estranho”. Ogden introduz o conceito de “relação de transição edipiana”, em que a menina ou o menino absorve as fantasias edipianas inconscientes da mãe sobre suas próprias imagens parentais. Aqui, também, a mãe transmite uma primeira imagem paterna por meio do padrão psicológico de um “três em dois”.

Apesar de todas as divergências nas visões apresentadas, um pensamento me parece comum: a ideia do Outro está associada ao pai - ele é diferente da mãe e diferente da própria criança. É precisamente como o Outro que ele recebe importância em relação ao par mãe e filho, de modo que não pode ser omitido da teoria da mente da criança.

Quando falo da teoria da mente da criança, estou me baseando essencialmente no conceito psicanalítico de mentalização desenvolvido desde

meados da década de 1990 por Fonagy e Target (1996, 2001), respectivamente em colaboração de ambos com Gergely e Jurist (2002). O conceito, originalmente desenvolvido para o tratamento de crianças *borderline*, gira em torno da aquisição da habilidade de “ler” a mente de outras pessoas” (2001, p. 233). Em suma, a mentalização poderia ser entendida no sentido de que, na troca afetiva e especialmente no espelhamento afetivo da mãe, a criança gradualmente desenvolve uma concepção sentida tanto de sua própria vida psíquica, quanto do fato de que outras pessoas também têm uma vida mental própria. No entanto, Fonagy, Target et al. (ibid.) centraram esse conceito principalmente na mãe, e o pai permanece em segundo plano. Em outros conceitos, ver por exemplo von Klitzing (2002, p. 883), a importância da tríade inicial é mais considerada.

Gostaria agora de ir mais longe e enfatizar o papel fundamental do pai no que diz respeito à “leitura da mente da criança” também na situação edípica. Refiro-me a um desenvolvimento suficientemente saudável e, nesse caso, o pai edipiano oferece à criança uma relação em que a diferença e a compreensão - diante de conflitos crescentes - estão contidas ao mesmo tempo. Com esta posição intermediária, ele modela a capacidade de combinar um sentido para os próprios sentimentos e desejos com uma compreensão, mas também limitação potencial de desejos e medos vindos de outra pessoa. Ele ajuda a modular a experiência da criança em crescimento, agora orientada para a diferença e a independência (prototípica para os meninos) ou para o afeto especial (prototípica para as meninas). Não quero dar uma descrição padrão para o desenvolvimento de ambos os sexos, e é claro que muitas formas diferentes e mistas de relacionamentos emocionais são possíveis, incluindo aspectos especiais no desenvolvimento homossexual. Mas o elemento central que entra em jogo no desenvolvimento, em grande parte saudável, é o reconhecimento e limitação simultâneos dos desejos libidinosos e agressivos na criança: reconhecimento e afirmação da vivacidade da sexualidade e agressividade infantis, mas ao mesmo tempo limitação de possíveis transgressões em relação à violência assassina ou incesto. A posição edipiana do pai eu chamo de posição “anti-incestuosa”

(Blass 2017). Assim, em um desenvolvimento saudável, o pai edipiano, em especial, media o reconhecimento essencial da diferença em um relacionamento emocionalmente próximo. Vejo, assim, uma ponte para a vida adulta, porque a capacidade de compreender o Outro e suas diferentes subjetividades, tem um papel central nas relações amorosas adultas. Claro, é requisito básico que já a mãe aceite e reconheça a própria subjetividade de seu bebê. Mas a crise edipiana ajuda o trabalho através do intenso surgimento de afetos libidinais – agressivos e sua limitação construtiva e sustentadora da vida. Pessoas com relacionamentos amorosos relativamente bem-sucedidos relatam positivamente essas experiências, enquanto muitos pacientes sentem uma lacuna dolorosa aqui.

Como pode desenvolver-se uma imagem correspondentemente diferenciada e suficientemente boa do pai (cf. Blass, 2002) - quer com base nas experiências com o próprio pai, quer com base em processos terapêuticos? Aqui, o conceito de mentalização me parece útil. Embora originalmente desenvolvido para formas de relacionamento anteriores no desenvolvimento, considero útil sua extensão à crise edípica. Não podem ser necessários processos de mentalização, nos quais o pai na situação edípica “lê” os sentimentos e pensamentos da criança de forma compreensiva, a fim de promover uma formação simbólica mais sustentável de relações objetais mais maduras?

Aspectos relevantes do conceito de mentalização, segundo Fonagy, Gergely, Jurist, Target

Antes de apresentar a atividade mentalizadora do pai na situação edipiana, gostaria de nomear brevemente alguns elementos essenciais do conceito de mentalização no sentido de Fonagy, Gergely, Jurist e Target (2002). Esses incluem:

a) *O espelhamento afetivo da mãe.* Um componente significativo desse espelhamento, consiste na capacidade da mãe de fazer declarações complementares sobre o estado afetivo da criança, o que dá à criança cada

vez mais informações sobre si mesma. Esses “comentários mentais” - isto é, comentários compreensivos sobre algo mental, como: “Você gosta de brincar com a bola” - têm uma influência positiva no apego afetivo e na compreensão cognitiva.

b) *A distinção entre “modo de equivalência psíquica” e “modo de faz de conta”*. Até que representações mentais coerentes sejam formadas na idade de cerca de 4/5 anos, a criança oscila entre dois modos paralelos de vivenciar a realidade: no “modo de equivalência psíquica” a criança equipara pensamentos e crenças interiores com a realidade exterior. Por exemplo: um menino de três anos tinha um desejo intenso por uma fantasia de Batman, mas quando vestiu a fantasia, ficou aterrorizado. O outro modo é o “modo fingido”. Nele, no entanto, “enquanto envolvido na brincadeira, a criança sabe que a experiência interna pode não refletir a realidade externa [...], mas então o estado interno é pensado para não ter relação com o mundo exterior e não ter implicações para ele [...]” (Fonagy e Target 1998, p. 97). Fonagy e Target (2007, p. 928) dão o exemplo de uma criança brincando com uma cadeira como tanque. A pergunta do adulto voltada para a realidade externa, seja uma cadeira ou um tanque, interrompe a brincadeira: a pergunta atrapalha a realidade interna da criança porque o adulto não consegue compartilhar a imaginação de que, ao brincar com a realidade, a cadeira poderia ser um tanque.

Somente no 4º e 5º anos de vida a criança pode integrar gradualmente esses dois modos, de maneira que a realidade interna e externa possam ser vivenciadas como interligadas, mas também distintas uma da outra.

c) *A “marcação dos afetos”*. Com esta atividade, à maneira de um “*biofeedback*”, os pais espelham os afetos da criança. Ao reproduzir alguma versão exagerada de sua própria expressão emocional realista, eles “marcam” o afeto espelhado. Por exemplo, uma resposta materna ao choro persistente, pode ser um exagero empático de *holding*, “Oohh, você está cansado!” Essa marcação impede que a criança atribua a emoção à mãe. Em vez disso, pertence contingentemente ao próprio comportamento da criança e, portanto, a criança assume que a emoção é dela.

Significado do pai edipiano do ponto de vista da mentalização

Quando agora chegamos ao significado do Pai Edípico, damos um salto, por assim dizer, do desenvolvimento da primeira infância e da distinção básica entre eu e não-eu para afetos e fantasias mais maduros e mais formados, que moldam os relacionamentos emocionais da criança. Associado a isso está o desenvolvimento de símbolos duradouros. A mentalização ocorre temporalmente antes do processo de formação de símbolos mais maduros. A simbolização refere-se mais às imagens intrapsíquicas individuais do eu, do afeto e do objeto que são independentes da interação imediata. O símbolo representa a presença interior do objeto em sua ausência real (cf. Balzer 2004, p. 404). A formação de símbolos estrutura cada vez mais o próprio mundo interior da criança e permite uma crescente independência de objetos externos imediatamente disponíveis. A formação de símbolos maduros, no entanto, só pode ocorrer com base na mentalização bem-sucedida. Mesmo levando em conta os elementos que “distorcem” a atividade imaginativa infantil – relembro o modo de equivalência e o modo de faz de conta -, a experiência interpessoal entra nas formas mais maduras de simbolização. Este agora me parece ser o ponto em que a ação do pai edipiano também define o curso para a estrutura dos relacionamentos amorosos posteriores. A transição gradual do amor primário para o crescimento da sexualidade genital e do desejo heterossexual muda dramaticamente o significado do pai. Independentemente da questão se ele foi inicialmente mediado mais pela imagem inconsciente da mãe (cf. Klein, Lacan, Ogden, como mencionado acima) ou se ele esteve sempre presente em uma estrutura triádica (cf. Bürgin, von Klitzing, Metzger, Dammasch e Metzger, também mencionado acima): ele se torna o centro das fantasias e ações, desejos e medos das crianças durante o desenvolvimento edipiano - adolescente. Isso vale para ambos os sexos. Seja uma filha adolescente desejando ou rejeitando seu pai, seja um filho em crescimento brigando ou tomando seu pai como modelo e objeto de identificação: a cada vez o tipo de presença emocional paterna estrutura a simbolização posterior de amor

e ódio, desejo e proibição, compreensão e não compreensão - em conexão com a relação do casal parental e da tríade familiar. A nova importância do pai como amante ou rival na tríade familiar exige dele a habilidade de “ler” corretamente os afetos dirigidos a ele. Isso é ainda mais verdadeiro porque agora ele também se torna o mediador das proibições edípicas e da barreira do incesto (cf. ‘Non’ e ‘Nom’). No meu entendimento, tal mediação só pode ter sucesso, se nela fluírem elementos que já desempenharam um papel importante na mentalização precoce. Pois, as fantasias edípicas poderiam ser consideradas igualmente significativas com a realidade externa. Neste caso, eles estariam no modo de equivalência. Ou podem ter tão pouca conexão com seu impacto nos relacionamentos reais que permanecem em um modo fingido e não atingem um senso afetivo suficiente da realidade. É ainda mais importante como o pai pode ter um efeito regulador aqui, para permitir uma integração de ambos os modos em um nível mais maduro. *Suas respostas emocionais a ataques rivais ou desejo arrebatador também requerem a qualidade de elementos marcantes, pois ele deve absorver os desejos afetivos e fantasias dirigidos a ele e, ao mesmo tempo, devolvê-los a seu filho ou filha de uma forma um tanto alienada. Só assim pode emergir a imagem de um objeto emocionalmente poderoso, capaz de agressão e desejo, sem que a imagem de um pai assassino ou incestuoso se fixe.* Só então filhas e filhos podem experimentar suas fantasias sexuais, agressivas e eróticas, como pertencentes a si mesmos e aceitar seus próprios afetos apaixonados. Um pai que briga seriamente com o filho e ao mesmo tempo consegue “ler” que o filho também busca sua aprovação; e um pai que flerta seriamente com sua filha e ao mesmo tempo pode “ler” que ela também busca o respeito dele por seus limites privados, ajuda na “mentalização” de um maior desenvolvimento sexual. A representação paterna resultante promove, assim, a diferenciação das várias atitudes emocionais, muitas vezes antagônicas, da criança que amadurece sexualmente. Isso também é importante para o desenvolvimento homossexual. Não é incomum, por exemplo, que meninos homossexuais sofram de uma percepção de rejeição de seu pai na situação edípica - isso

pode se tornar uma fonte de profunda auto-rejeição e depressão. Minha experiência clínica sugere que a existência de uma imagem paterna dotada de suas próprias fantasias, mas ao mesmo tempo moldada pela experiência de “marcação”, alivia o medo da criança em crescimento de seus desejos agressivos e sexuais. Isso vale também para a vida psíquica e mental de um adulto: também aqui a representação de um pai capaz de ler ao lidar com a sexualidade e a agressão, confere maior segurança contra os próprios afetos. Ao assumir antes a posição de um “estranho familiar” (Blass 2011) dentro da tríade edípica, o pai medeia um importante acesso à experiência simultânea própria e do outro. Uma leitura diferenciada mediada pelo pai poderia ser, por exemplo: “Posso sentir que você me incomoda e quer se livrar de mim, mas você também me procura para sua proteção e quer que eu fique”, ou: “Eu fico feliz com o seu afeto e o retribuo, mas você também fica feliz quando não o sobrecarrego com sentimentos que se aplicam a uma mulher adulta”. Tal atitude também preserva uma parte da triangulação protetora que ocorreu anteriormente. Em comparação com o período anterior, mais harmonioso, no entanto, são adicionados desejos especificamente novos, sexualmente sexuais e agressivos da criança em crescimento. Com base na tríade inicial, uma compreensão mentalizante do pai, mesmo em tempos edipicamente tumultuados, promove um maior discernimento do amor ou ódio próprio ou do outro. Isso se tornará de importância central para a estabilidade dos relacionamentos posteriores do casal adulto. Na atitude paterna descrita acima, o modo de equivalência psicológica e o modo de fazer de conta estão equilibrados. Uma imagem paterna predominantemente moldada pelo modo de equivalência enfatizaria demais a agressão e o desejo sexual, de modo que as defesas predominariam e a experiência da criança ou do adulto poderia chegar a uma paralisação assustadora. Inversamente, uma imagem paterna moldada pelo modo fingido, levaria à experiência de falta de seriedade em relação à intensidade dos afetos agressivos e sexuais, o que produz uma sensação desesperada de falta de realidade para os próprios sentimentos de amor ou ódio. Isso pode causar uma profunda resignação na solidão ou uma busca

forçada por confirmação em relacionamentos sempre novos, bem como uma solidão em relacionamentos sempre novos.

A imagem do pai que emerge no triângulo edípico segue-se naturalmente das primeiras experiências de influência paterna. Em parte, continua essas experiências, mas a respectiva leitura paterna da criança sobre o desejo edípico ou a agressão, também molda sua transição para relacionamentos amorosos mais maduros. Dependendo do quanto o pai, além da mãe, desenvolve a compreensão desses afetos na relação triádica com seu filho e com sua esposa, a criança consegue entrar em relações afetivas intensas e, ao mesmo tempo, suportar melhor experiências de diferença interpessoal. Embora a paixão imediata pareça vincular-se às primeiras formas de felicidade diádica, além de desenvolver ainda mais o relacionamento mãe-filho, essa imagem paterna promove a capacidade para o amor adulto. Ela define o curso afetivo para a maneira pela qual uma pessoa pode encontrar outra pessoa com sentimentos intensos e, ao mesmo tempo, ser capaz de reconhecer e preservar a sua estranheza. O pai pode se tornar um mediador das fronteiras e estruturas edípicas, quanto mais ele permanecer conectado para a criança em crescimento com uma compreensão simultânea de fundo de seus afetos intensos. Essa coexistência de uma posição emocionalmente presente e ao mesmo tempo excêntrica do pai, eu gostaria de chamar de *mentalização na situação edípica*. Considero justificado estender o conceito de mentalização a este estágio posterior de desenvolvimento, porque somente neste terreno pode ocorrer uma formação de símbolos ligada à fixação de limites e à negação, e somente desta forma as estruturas relacionais triangulares, que emergem do desenvolvimento edípico, podem ser representadas mentalmente como símbolos relativamente estáveis.

Um exemplo clínico

No início de sua análise, o sr. C., de 30 anos, sentia uma ligação emocional com sua esposa, mas ao mesmo tempo sentia-se dominado por uma rigidez emocional e indiferença com as quais frequentemente a rejeitava

bruscamente. Com essa atitude, que logo passei a sentir, ele manteve uma indiferença que havia prevalecido entre ele e seu pai. De acordo com o Sr. C., seu pai havia dominado estritamente sua mãe, que era vários anos mais jovem. Assim, durante as refeições, ele repreendia regularmente a esposa pelas despesas domésticas excessivas. O Sr. C. teria preferido rastejar para debaixo da mesa, mas não tinha permissão para se levantar durante a briga dos pais. O Sr. C. descreveu o relacionamento com sua mãe como próximo, mas determinado pela insegurança mútua. Em contraste, ele não conseguia evocar uma cena de proximidade emocional com o pai. Ao contrário, considerou como característica do encontro o seguinte: na adolescência, conheceu o pai inesperadamente em um bar. Após uma breve saudação com um aceno de cabeça, ele não disse uma palavra ao pai, mas foi para o outro lado da sala. Ambos deixaram o bar por portas diferentes e cada um foi para casa sozinho. Só mais tarde, disse ele, percebeu que havia tratado o pai como um estranho. Ele também não havia sentido muito a morte de seu pai, alguns anos atrás. Apenas o endereço do padre abriu algum entendimento sobre seu pai para ele. Quando o Sr. C. descreveu esta situação em uma sessão, ele começou a chorar silenciosamente. De repente, seu rígido isolamento se transformou em um movimento comovente, que ao mesmo tempo deixou claro seu desejo por mais compreensão e expressão emocional. Também ficou claro que a cena descrita no bar não era apenas uma memória dissimulada de uma luta edípica, mas que continha um desespero sobre a incapacidade de contato compartilhado por pai e filho. O silêncio prevaleceu entre eles, e um certo silêncio também prevaleceu entre o Sr. C. e sua esposa. Notavelmente, o relacionamento com sua esposa continha outra analogia com o padrão de rivalidade e saudade mútua, como o Sr. C. havia descrito para si mesmo e seu pai: regularmente ele tentava sair com sua esposa à noite, mas quase nunca eles podiam encontrar um destino de interesse comum. Cada vez mais ficou claro que o Sr. C., ao contrário de sua avaliação consciente, havia se identificado de forma sustentável com seu pai, mas era uma identificação com austeridade, conflito e domínio. Ele foi influenciado por uma insegurança ansiosa com a mãe, mas também não

tinha representação de um pai emocionalmente compreensivo e afetivamente moderador. As brigas regulares à mesa também moldaram sua ideia da intimidade sexual dos pais: aqui o pai parecia responsável pela qualidade agressiva de suas fantasias de cena primária. Consequentemente, a única escolha para sua atitude em relação à esposa era sentir-se inseguro em relação a ela, ou permanecer identificado com um pai ameaçador, ao mesmo tempo inacessível. Nesse estado, ele repetidamente se afastou de sua esposa em indiferença emocional. Para a imagem afetivo-mental do pai, ele tinha apenas duas possibilidades: na primeira, o pai aparecia ameaçadoramente presente - na identificação com ele, parecia então estar amedrontando a si mesmo. Na segunda, ele simplesmente eliminou o pai emocionalmente. A primeira variante, em sua equação não modulada dentro e fora, correspondia ao modo de equivalência psíquica, enquanto a pretensa insignificância do pai, na segunda variante, seguia o modo do faz de conta: com a falta de sentido libidinal do pai, uma atitude de uma onipotência desesperada havia surgido nele.

Com essa imagem negativa de seu pai e também de si mesmo, o Sr. C. iniciou sua análise com quatro sessões semanais. Inicialmente, ele permaneceu em um encapsulamento rígido. Recordando a “rigidez prussiana” de seu pai, ele experimentou o divã como um lugar onde ele foi proibido de se expressar: como um bebê chorando, ele foi empurrado por seu pai para uma sala contígua à prova de som ou espancado quando seu choro perturbava a relação sexual dos pais. Ele se lembra de bater a cabeça no berço à noite e de se molhar ainda na idade escolar. A conversa secreta através do olhar, oferecida por sua mãe, pouco fez para aliviar sua ansiedade. Isso, no entanto, deu origem a sentimentos de culpa, no contexto dos quais ele também experimentou a exclusão das férias em família, como punição paterna por sua associação secreta com a mãe. Só aos poucos ele compartilhou comigo como era agonizante para ele ter que comer um mingau nojento todos os dias, sem descanso na família adotiva. Da mesma forma, ele temia que também tivesse que engolir minhas palavras sem contradição. Com sua imobilidade, ele assim comunicou seu medo de ser atormentado por mim.

Ao mesmo tempo, ele comunicou sua raiva inibida contra mim como um pai ciumento, mas também como uma mãe decepcionante e infiel. Ambos os afetos: sua inibição medrosa, bem como sua raiva contida, às vezes disparada, nublaram o relacionamento emocional com sua esposa. Na minha opinião, não fazia mais sentido agora apenas nomear o surgimento do medo e da raiva diante de uma mistura de abandono traumático precoce e rivalidade edípica. Pelo contrário, pareceu-me importante não reproduzir na análise uma mera repetição de motivos familiares. Em vez disso, ele deveria ter a oportunidade de reconfigurar as representações de seu pai e de si mesmo por meio de um encontro interpessoal modificado. Portanto, decidi falar sobre sua raiva, presente no modo de equivalência psíquica (ele estava tão zangado quanto o pai, ou o pai estava tão zangado quanto ele, e ambas as formas de raiva pareciam destrutivas), com um “marcador” que se dirigia construtivamente a ele mesmo. Ele me deu a oportunidade de fazer isso quando lembrou, em parte envergonhado, em parte triunfante, como certa noite, no lar adotivo, não conseguiu mais segurar as fezes e “sujou” o carpete. Decidi destacar, tanto seu afeto de raiva, quanto seu próprio motivo de ação, afirmando, com um tom audível de aprovação: “Sim, com sua merda você finalmente encontrou uma maneira de expressar todo o seu medo e raiva!” Por mais simplista que essa interpretação possa parecer, ela alterou significativamente o contato do Sr. C comigo. Ao “ler” seus afetos de medo e raiva, contidos em sua defecação, molhá-los e “marcá-los” com um reconhecimento de sua atuação independente, ele se permitiu pela primeira vez a um orgulho anal aberto, em lugar de seu medo de minha rejeição. A experiência de encontrar motivos afetivamente significativos em suas ações, permitia agora uma abertura gradual de seu casulo no divã. Após 250 sessões de análise, ele compartilhou comigo seus rituais autoeróticos, que praticou no início da adolescência para se animar: ele usava a lingerie sexy de sua mãe e assim podia se tomar como objeto de amor. Por outro lado, ele havia feito para si uma “escultura” feminina com cobertores e tubos com os quais podia se satisfazer sexualmente. A identificação do travesti com a mãe expressava, assim, tanto seu desejo de

contato materno, quanto seu desejo sexualizado por um pai afetuosos. Por outro lado, o fato de ele ser capaz de criar um objeto transicional feminino, de uma maneira bizarramente criativa, me mostrou que ele não persistiu em uma submissão exclusivamente homossexual ao pai. Em vez disso, ele também fez uma tentativa de escolha de objeto heterossexual, mesmo que essa tentativa retivesse elementos de controle anal sobre um objeto inanimado.

Eu entendi essas produções masturbatórias como um equilíbrio entre a autossuficiência autônoma e uma busca inconsciente de contato. Assim, descrevi as práticas que ele mesmo temia tão perversas quanto sua invenção contra a solidão. Embora ele tenha se isolado autoeroticamente, ele também buscou imaginativamente um relacionamento revigorante com ambos os pais. Embora tenha se oferecido inconscientemente em lingerie estimulante a seu pai como uma mulher, ele desafiou a proibição de seu pai ao criar a escultura de tecido e tentou se aproximar de sua mãe e de sua ternura na fantasia. Minha intenção era vincular seus primeiros desejos de apego às suas fantasias edípicas trianguladas. Por outro lado, isso forneceu uma oportunidade para localizar seu desenvolvimento parado dentro de seu casamento, pois indiquei se, à luz de sua invenção anterior, ele também não via sua esposa como se ela fosse uma escultura de tecido criada e controlável por ele. O Sr. C. reagiu com um silêncio longo e pensativo. Para o desenvolvimento posterior do Sr. C. era importante que ele não apenas se submetesse à minha interpretação, mas também pudesse aceitar minhas interpretações como “comentários mentais”, em sua busca por maior proximidade emocional com sua esposa. Isso ajudou a diminuir o sentimento de vergonha em relação a mim. E, gradualmente, ele pôde permitir um contato emocional mais direto e entrou em uma rivalidade edípica mais aberta comigo. Ele não se encapsulava mais silenciosamente, mas começou a falar com força, o que mal me deixava espaço para meus próprios sentimentos e pensamentos. Fora das sessões, ele começava brigas com os homens, que podiam até se tornar violentas. Ao mesmo tempo, como expressão de sua angústia de castração, ele

sonhava com dentes caindo. Isso foi acompanhado por seu medo de ser infértil porque sua esposa não engravidava. Depois de eu ter apontado as múltiplas mudanças de sentimentos de superioridade ou inferioridade, o Sr. C. referiu-se à “mão giratória do helicóptero” de seu pai: se ele não tivesse prestado atenção, os golpes da mão paterna o teriam atingido. Ele então preferiu andar agachado. Claro, ele também estava com raiva. Agora, finalmente, ele não precisava mais conter aquela raiva. Depois de recordar essas cenas violentas e tristes, o Sr. C. podia admitir que sempre sentira saudade de “três dons paternos”: tempo, ternura e atenção. E descreveu sua ambivalência porque às vezes achava que poderia encontrar esses dons na análise. Então, porém, ele me achou tão perspicaz quanto seu pai. No entanto, ele também se sentiu afiado no tom e, com pesar, afirmou que não pode dizer à esposa que a ama. Como seu pai não poderia contar a sua mãe! Nessa sessão, decidi fazer uma reflexão um pouco exagerada: “mmhh, se você pudesse ter mais certeza da minha boa vontade, você também poderia se sentir mais seguro em relação à sua esposa”. Minha acentuação afetiva de sua imagem negativa parecia agir sobre ele como um marcador de seu próprio viés projetivo, pois ele começou a considerar se poderia ter me ouvido com preconceito. Posteriormente, ele estendeu essa possibilidade ao relacionamento com o pai: em um sonho seguinte, ele abraçou o pai como adulto. Após cerca de dois anos e meio, ele se envolveu mais com a história pessoal de seu pai e expressou a ideia de que o veneno psíquico de seu pai poderia ter vindo de um jovem perdido na Segunda Guerra Mundial. Ele começou a reconceber a rigidez do pai como uma possível defesa contra o horror da experiência, bem como um baluarte interno contra seu próprio medo da morte. A descoberta da fragilidade paterna oculta teve um efeito libertador sobre ele, mas ele também se preocupou se não reagiria duramente à esposa devido a uma fragilidade semelhante. Portanto, a discussão mais aberta comigo tornou-se ainda mais significativa. Pouco antes da 400ª sessão, com orgulho e certo triunfo, ele me informou que havia se mostrado capaz de procriar em um espermograma. Depois disso, ele se permitiu uma mistura de provocação agressiva e homoerótica: e.g.

era divertido para ele se pudesse “me tirar do banheiro”, tocando a campainha mais cedo. Em um sonho, ele me conheceu junto com sua esposa na rua. Sua esposa olhou para mim e disse: “Não é de admirar que você não consiga fazer isso”. De forma condensada, esse sonho continha seu próprio desprezo por mim como um objeto paterno, alimentado por sua aliança secreta inicial com sua mãe. Mas também entendi o sonho como um desejo de poder suportar sua desvalorização sem retaliação. Depois de quase três anos, ele me informou, com alegria contida, que sua esposa estava grávida. Em total contraste com os ataques anteriores, ele agora também atribuía a ocorrência da gravidez aos efeitos positivos da psicanálise. A análise permitiu que ele se afastasse de sua brusquidão e se tornasse mais acessível aos sentimentos de sua esposa. Segundo ele, ela agora confiava mais nele, e isso certamente a ajudou a engravidar. No entanto, o Sr. C. e sua esposa não foram poupados da temida perda da criança, já associada a muitas ideias esperançosas. Na 11ª semana de gravidez, sua esposa sofreu um aborto espontâneo. O Sr. C. foi capaz de expressar sua dor por essa perda na análise, por meio da qual lembranças da morte de seu pai vieram à sua mente, quando ele falou sobre a morte da criança que experimentou dessa maneira. De forma silenciosa, ao mesmo tempo assustadora, ele começou a chorar. A experiência da própria dor permitiu-lhe aceitar e acompanhar a tristeza da mulher sem ter de voltar à brusquidão. Pelo contrário, agora ele pode confortar não apenas a si mesmo, mas também sua esposa, de uma forma mais madura, com o pensamento de que o tempo passado de gravidez não foi perdido. Era uma preparação para uma nova gravidez, que ele agora acreditava que aconteceria. Essa capacidade de suportar e manter a dor e a perda era nova para ele, especialmente quando combinada com um afeto construtivo esperançoso.

Mais tarde, soube que ele e a esposa tinham dois filhos. Em conexão com os desenvolvimentos internos de sua esposa, a transformação de sua imagem paterna, inicialmente rígida, levou a uma atitude mais amorosa para com sua própria esposa. Só agora ele parecia ter atingido um estágio de desenvolvimento genital, psicologicamente maduro, que lhe permitia

compartilhar a criatividade parental com ela. Na última sessão de sua análise, o Sr. C. voltou a falar sobre seu pai. Ele expressou a sensação de que agora poderia estar ao lado dele, como uma pessoa com direitos iguais. Ele havia entendido mais de seu pai e mais de si mesmo, e a internalização dos processos de transferência de mentalização, que circulavam em torno de sua imagem paterna, contribuíram para o símbolo subsequente de uma presença paterno-masculina mais objetal-libidinal, que ele poderia incorporar cada vez mais no relacionamento com sua esposa.

THE MENTALIZING CAPACITY OF THE FATHER, ADULT LOVE RELASHINSHIPS, AND THE PSYCHOANALYTIC PROCESS

ABSTRACT: Despite changes in social culture, the need for an emotionally dense and lasting love relationship in adulthood is still one of the basic concerns of very many people. We rightly assume that an essential foundation for this later development is laid in the early mother-child relationship. In the present work, this foundation is not disputed, but the thesis is developed that the experiences and mental representations of both the early and the oedipal father also play a very important role for the child and later adult in being able to integrate the coexistence of familiarity and strangeness in a personally close relationship. The mental representation of the father as a “familiar stranger” can be strengthened and consolidated in the oedipal-adolescent relationship if the child’s intense sexual and aggressive affects can be “read” by the paternal object in a mentalizing way. In this respect, it seems to make sense to use aspects of the concept of mentalization developed for earlier phases of life for this later development as well. The possibility for change in the psychoanalytic process is illustrated by a vignette.

KEY WORDS: love relationships, paternal representation, father as familiar stranger, “reading” of affects in the oedipal relationship, mentalizing capacity.

LACAPACIDAD MENTALIZADORA DEL PADRE, LAS RELACIONES AMOROSAS ADULTAS Y EL PROCESO PSICOANALÍTICO

RESUMEN: A pesar de los cambios en la cultura social, la necesidad de una relación amorosa emocionalmente densa y duradera en la edad adulta sigue siendo una de las preocupaciones básicas de muchísimas personas. Suponemos correctamente que una base esencial para este desarrollo posterior se encuentra en la relación temprana madre-hijo. En el presente trabajo no se discute este fundamento, pero se desarrolla la tesis de que las experiencias y representaciones mentales tanto del padre temprano como del edípico también juegan un papel muy importante para que el niño y el adulto posterior puedan integrar la convivencia de familiaridad y extrañeza en una relación personalmente cercana. La representación mental del padre como un “extraño familiar” puede fortalecerse y consolidarse en la relación edípica-adolescente si los intensos afectos sexuales y agresivos del niño pueden ser “leídos” por el objeto paterno de manera mentalizadora. A este respecto, parece tener

sentido utilizar aspectos del concepto de mentalización desarrollados para fases anteriores de la vida también para este desarrollo posterior. La posibilidad de cambio en el proceso psicoanalítico se ilustra con una viñeta.

PALABRAS CLAVE: relaciones amorosas, representación paterna, padre como extraño familiar, “lectura” de afectos en la relación edípica, capacidad mentalizadora.

REFERÊNCIAS:

- Abelin, E.L. (1971). The role of the father in the separation-individuation process. In: McDevitt J.B. and Settlege, C.F. (Eds.): *Separation-Individuation*. New York: International Universities Press, 229-252.
- Abelin, E.L. (1975): Some further observation and comments on the earliest role of the father. *Int. J. Psycho-Anal.*, 56, 293-302.
- Balzer, W. (2004). Lust am Nichtdenken? Zum Verhältnis von Erregung und Bedeutung in beschleunigten und entgrenzten Lebenswelten. *Zeitschrift für psychoanalytische Theorie und Praxis*, 19,399-416.
- Blass, H. (2002). Das Bild des genügend guten Vaters und die männliche Fähigkeit, eine Frau achten zu können. *Kinderanalyse*, 10, 62 – 92.
- Blass, H. (2011). Der Vater als vertrauter Fremder. Zur dichotomen Stellung des Vaters. *Analytische Kinder- und Jugendlichen-Psychotherapie*, Heft 151, XLII,3, 369-388.
- Blass, H. (2017). Väterliche Präsenz in der veränderten westlichen Welt. *Zeitschrift für psychoanalytische Theorie und Praxis*, 32, 1, 44-60.
- Borens, R. (1993). ‘.....Vater sein dagegen sehr’. *Zeitschrift für psychoanalytische Theorie und Praxis*, 8, 19-31.
- Bürgin, D. (1998). Psychoanalytische Ansätze zum Verständnis der frühen Eltern-Kind-Triade. In: K. von Klitzing (Hrsg.), *Psychotherapie in der frühen Kindheit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 15-31.
- Britton, R. (1989). The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex. In: Steiner, J.(ed.), *The Oedipus Complex Today. Clinical Implications*. London: Karnac, 83 – 101.
- Damasch, F., Metzger, H.-G. (1999). Die Suche nach der Differenz – zur Bedeutung des Vaters in der familialen Triade. *Zeitschrift für psychoanalytische Theorie und Praxis*, 14, 284-307.
- Fonagy, P., Target, M. (1996): Playing with reality: I. Theory of mind and the normal development of psychic reality. *Int.J.Psycho-Anal.*, 77, 217-233.
- Fonagy, P., Target, M. (1998), Mentalization and the Changing Aims of Child Psychoanalysis. *Psychoanalytic Dialogues* 8:87-114.
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E.L., Target, M. (2002). *Affect Regulation, Mentalization, and the Development of the Self*. New York: Other Press.
- Fonagy, P., Target, M., Allizon, L. (2003). Gedächtnis und therapeutische Wirkung. *Psyche – Zeitschrift für Psychoanalyse* 57, 841-856.
- Fonagy, P., Target, M. (2007). Playing with Reality: IV. A Theory of External Reality Rooted in Intersubjectivity. *International Journal of Psychoanalysis* 88:917-937.
- Freud, S. (1900). *The Interpretation of Dreams*. S. E. 4:ix-627.
- Freud, S. (1909a). *Analysis of a Phobia in a Five-Year-Old Boy*. S.E.10:1-150.
- Freud, S. (1909b). *Notes upon on a case of obsessional neurosis*. S.E. 10pp, 155-318.

- Freud, S. (1923). *The Ego and the Id*. S.E. 19:1-66.
- Freud, S. (1937d). *Constructions in Analysis*, S.E. 23:255-270.
- Gaddini, E. (1977). Formazione del padre e scena primaria. *Rivista di Psicoanalisi*, 23:157-183.
- Gaddini, E. (1975). On "Father Formation" in Early Childhood Development. *Int. J. Psycho-Anal.*, 57,397-401.
- Hartog, F. (2020). *Chronos: L'Occident aux prises avec le Temps*. Paris: Éditions Gallimard.
- Klitzing, K. v. (1998). Die Bedeutung des Vaters für die frühe Entwicklung. Entwicklungspsychologische Argumente für die Einbeziehung des ‚Dritten‘ in den therapeutischen Prozess. In: K. von Klitzing (Hrsg.), *Psychotherapie in der frühen Kindheit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 119-131.
- Klitzing, K. v. (2002). Frühe Entwicklung im Längsschnitt: Von der Beziehungswelt der Eltern zur Vorstellungswelt des Kindes. *Psyche – Zeitschrift für Psychoanalyse*, 56, 863-887.
- Meltzer, D., Harris Willams, M. (1988). *The Apprehension of Beauty*. ORT: The Clunie Press.
- Metzger, H.-G. (2000). *Zwischen Dyade und Triade. Psychoanalytische Familienbeobachtungen zur Bedeutung des Vaters im Triangulierungsprozess*. Tübingen: edition discord.
- Metzger, H.-G. (2005). Über die Angst der Väter vor der frühen Kindheit – psychoanalytische Überlegungen, *Psyche – Zeitschrift für Psychoanalyse*, 59, 611-628.
- Mitchell, S. A. (2003). *Can Love Last?: The Fate of Romance over Time*. New York and London: W.W. Norton and Company.
- Ogden, T. H. (1989). *The primitive edge of experience*. Northvale, New Jersey: Jason Aronson Inc. reprint H. Karnac (Books) Ltd. London 1992.
- Ogden, T. H. (2004). The Analytic Third: Implications for Psychoanalytic Theory and Technique. *Psychoanalytic Quarterly* 73:167-195.
- Segal, H. (1989). Introduction. In: Steiner, J. (ed.). *The Oedipus Complex Today. Clinical Implications*. London: Karnac.
- Solms, M. (2021). *The Hidden Spring. A Journey to the Source of Consciousness*. London: Profile Books Ltd.
- Target, M. (2004). Mentalisierung, Bindung und Psychoanalys. A casuistry. In: Dreyer, K.-A. (Ed.): *Developments and Changes. Giving up or task*. Proceedings of the Spring Conference 2004 of the German Psychoanalytic Association in Ulm. Frankfurt: Geber and Reusch, 67 -83.

heribert@blass.io